



ariús

Revista de Ciências Humanas e Artes

ISSN 0103-9253 versão impressa – ISSN 2236-7101 versão online

OS JOVENS, A PERIFERIA E A VIOLÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DA PERSPECTIVA URBANA

YOUTH, PERIPHERY AND VIOLENCE: THE IMPORTANCE OF URBAN PERSPECTIVE

Eda Góes

Faculdade de Ciência e Tecnologia – UNESP

Resumo

Contribuir para a necessária aproximação entre as pesquisas sobre violência urbana e os estudos urbanos é o objetivo principal desse artigo. A partir de um estudo de caso, o Conjunto Habitacional Brasil Novo (Presidente Prudente - SP), se discute a sua representação violenta, as mudanças relacionadas ao consumo e tráfico de drogas, a difusão da violência como linguagem, além da presença de fronteiras, distinções e outros signos urbanos que precisam ser levados em conta quando se busca compreender a multiplicidade de fatores que se combinam na produção da violência urbana. As narrativas dos moradores são a fonte principal da pesquisa, a partir das quais o papel dos jovens foi valorizado. Nas mudanças recentes, relacionadas à ampliação do acesso ao consumo da habitação no Brasil, são identificados avanços e desafios.

Palavras-chave: Violência urbana. Estudos urbanos. Periferia. Jovens pobres.

Abstract

Contribute to the necessary approach between research on urban violence and urban studies is the main goal of this article. From a case study of the Housing Complex Brasil Novo (Presidente Prudente - SP), one discusses the neighborhood's violent representation, the changes related to consumption and

drug dealing, the spread of violence as a language, and also the presence of boundaries, distinctions and other urban signs that need to be taken into account when seeking to understand the multitude of factors that combine to produce urban violence. The narratives of the residents are the primary source of the research, from which the role of youth was valued. The recent changes related to increasing access to the housing market in Brazil, advances and challenges were identified.

Keywords: Urban violence. Urban studies. Periphery. Poor youth.

1. Introdução

"Cidade e violência se converteram em sinônimos, em imaginário indissociável, em palavras intercambiáveis"¹

Reguillo (2005, p.393) sintetiza com essa frase dois dos pressupostos desse artigo: 1. as pesquisas recentes sobre produção do espaço urbano no Brasil tem se deparado com o tema da violência e com o papel norteador que vem desempenhando; 2. há uma vasta e profunda produção científica sobre a questão da violência no Brasil, em sua grande parte voltada à violência urbana². Dois outros pressupostos se desdobram dos anteriores: 1. há um direcionamento considerável das pesquisas, tanto sobre produção do espaço urbano, como sobre violência urbana, às realidades metropolitanas; 2. a despeito do que a adjetivação "urbana" que acompanha a violência sugere, nas pesquisas sobre o tema, há pouca ou nenhuma articulação entre os conteúdos propriamente urbanos dos espaços onde a violência ocorre e a sua prática³, inclusive no que se refere aos sujeitos nela envolvidos.

Dentre as poucas exceções, destacamos o capítulo do "Livro Verde: Desafios para a gestão da região metropolitana de Campinas" (2002), denominado "Violência,

¹ Tradução nossa para: "Ciudad y violencia se han convertido en sinónimos, en imaginario indissociable, en palabras intercambiables".

² A exceção se refere às pesquisas relacionadas ao tema da luta pela terra.

³ Na mesma direção, Souza (2008, p.10) critica a separação entre a pesquisa urbana e a pesquisa na área de segurança pública.

crime, insegurança: há saídas possíveis?”, de autoria de dois pesquisadores do Núcleo de Estudos da Violência, Sérgio Adorno e Nancy Cardia, cuja produção científica tem nos fornecido parâmetros importantes de pesquisa, sobretudo no que se refere à concepção de que, além das três dimensões da violência no cenário brasileiro atual - “as percepções (que incluem as reações), os fatos e as explicações” (ADORNO, 2005) - há também a interpretação do crime como “drama social” (ADORNO; CARDIA, 1999, p.88).

Dois aspectos presentes nesse texto são particularmente relevantes⁴ para o tema abordado nesse artigo: 1. o deslocamento do foco da metrópole paulistana para o interior paulista, o que implicou um esforço de identificação de algumas de suas especificidades referentes, por exemplo, às relações entre poder político e instituições de controle social; 2. a preocupação com a intervenção, que atendia a proposta explicitada no subtítulo do livro.

Em relação ao primeiro aspecto, foram importantes suas constatações sobre as mudanças econômicas experimentadas pelo interior paulista: a década de 1990 foi marcada pela “forte tendência para a expansão da riqueza pública e privada, para o interior do Estado”, porém com particularidades, como “a transferência de grandes empresas do município da capital e da região metropolitana para regiões administrativas como Campinas, São José dos Campos, Araraquara, São Carlos e Franca”, e “o crescimento acelerado das empresas agroexportadoras sediadas em regiões como Araçatuba, Ribeirão Preto e Presidente Prudente”, resultando no “aparecimento de um mercado consumidor muito assemelhado ao das grandes metrópoles” (ADORNO; CARDIA, 2002, p.304-5).

Como desdobramentos sociais, diretos e indiretos, dessas mudanças, identificam um “cenário que estimula conflitos sociais entre classes sociais que convivem em espaços muito próximos, em suas lutas pelo espaço vital, pela defesa de privilégios recém-conquistados e pela segregação sócio-espacial”, cenário

⁴ Versão ampliada da discussão desse texto foi publicada em Sposito e Góes (2013).

agravado pela “expansão - do crime organizado, em especial do narcotráfico, no interior enriquecido do Estado de São Paulo”, o que, por sua vez, seria expressão de mudanças no perfil da criminalidade, sobretudo no que se refere à territorialização de certos delinquentes, uma vez que “alguns grupos não são mais circunscritos por limites municipais, metropolitanos ou por fronteiras estaduais” (ADORNO; CARDIA, 2002, p.306-7), levando-nos a cogitar sobre a caracterização de uma nova *criminalidade difusa*⁵.

Na confluência das mudanças econômicas e sociais com as mudanças do crime organizado e as permanências em relação às instituições de segurança e justiça que Adorno e Cardia (2002) identificam no interior paulista, podemos situar outro fato ocorrido nos anos 1990, a saber, a transferência de muitos dos presos que cumpriam pena no Estado de São Paulo para as penitenciárias inauguradas durante os governos de Mário Covas e Geraldo Alckmin, no contexto de uma nova política penitenciária que visava descongestionar os Distritos Policiais paulistanos e desativar a Casa de Detenção⁶. Das 21 novas penitenciárias, 13 foram construídas no Oeste Paulista. A despeito das muitas especulações, o impacto, seja das transferências dos presos, seja do destaque dado a elas pela mídia, ainda está por ser identificado.

No que se refere à intervenção proposta, problematizada desde o subtítulo do capítulo de Adorno e Cardia (2002) que pergunta, “há saídas possíveis?”, ao buscar responder afirmativamente, os autores recorreram a uma experiência francesa, comentada por especialistas norte-americanos, denominada *Contrato Local de Segurança* (CLS), que teria sido aplicada em 1.300 comunidades. Para além do conteúdo da proposta, que discutiremos em seguida, já nos deparamos com um segundo problema: é possível recorrer a um exemplo francês, na busca de soluções

⁵ O tópico “Interiorização da violência” da pesquisa “Homicídios e juventude no Brasil: Mapa da violência, 2013”, coordenada por J. J. Waiselfisz, amplia essa análise para a escala nacional, através de indicadores de homicídios de jovens.

⁶ Desativada em 2002, a Casa de Detenção de São Paulo era considerada um verdadeiro *barril de pólvora*, em função da superlotação crônica e do histórico de motins violentos, entre os quais se destaca aquele que ficou conhecido como *massacre da Detenção* (outubro de 1992).

de problemas brasileiros (para ficar apenas no seu aspecto geral), sem dedicar uma única linha às diferenças entre essas duas realidades, tanto sociais, como econômicas e culturais? A mediação dos especialistas norte-americanos, longe de amenizar tal problema, apenas contribui para agravá-lo, uma vez que se pautam numa terceira realidade, cujas diferenças em relação às outras duas não são desprezíveis.

Em relação a tais cuidados, são pertinentes as observações de Recasens (2007, p.15-6), feitas na introdução de seu livro que parte justamente dos problemas relativos à produção acadêmica (ou científica) sobre o tema da insegurança, a fim de alertar para os perigos de se conferir caráter universal à segurança/insegurança, desconsiderando o

contexto socioeconômico ou político-geográfico em que cada autor o circunscreve; por exemplo, realizando levantamento de dados de modo idêntico sobre vitimização em diversos países sem ter em conta suas diferenças; ou transpondo indiscriminadamente ideias como a de tolerância zero ou da polícia de proximidade, de um lugar ao outro, de uma realidade a outra.⁷

Reafirmamos a importância de se considerar permanentemente as relações entre o geral e o particular, sobretudo quando se trata do esforço necessário de incorporar referências internacionais, ampliando perspectivas analíticas. Nas cidades francesas, não estão presentes os mesmos *déficits* sociais a que fazem referência Adorno e Cardia na parte inicial de seu texto, nem heranças deixadas por um passado colonial e escravista, mas sim os filhos dos imigrantes provenientes de ex-colônias, que não aceitam mais ser tratados como imigrantes, inclusive porque são de fato nascidos na França, mas que continuam a se deparar com limites nas

⁷ Tradução nossa de: “[...] contexto socioeconómico o político-geográfico en que cada autor lo circunscribe; por ejemplo realizando encuestas de victimización idénticas en diversos países sin tener en cuenta sus diferencias; o trasladando indiscriminadamente ideas como la tolerancia cero o la policía de proximidad de un lugar a otro, de una realidad a otra”.

possibilidades de trabalho e consumo, particularmente relevantes numa contemporaneidade em que a integração pelo consumo parece ser uma demanda universal, especialmente entre jovens. Desse modo, é apenas a partir das combinações particulares entre as dimensões objetiva e subjetiva da segregação socioespacial que este processo pode ser compreendido em diferentes contextos nacionais (SARAVI, 2008, p.108).

Em relação ao conteúdo do CLS, seu maior mérito, segundo Adorno e Cardia (2002, p.327), é que sua implantação

[...] implica uma abordagem mais ampla do tema da segurança pública do que aquele encontrado nas principais correntes científicas sobre crime e violência. O CLS parte da suposição de que as condições básicas de vida são uma das raízes da violência urbana. Coerentemente, ações no intuito de reduzir a violência implicam trabalhar com desigualdades econômicas e sociais.

Disso decorre a busca de integração entre “melhoria da atuação do Sistema de Justiça Criminal com a melhoria da qualidade de vida da população”, levando em conta que “a qualidade do meio ambiente urbano, sobretudo a presença de sinais de desordem e de incivilidade (desrespeito para com o outro) influenciam na configuração da violência e em seu crescimento” (ADORNO; CARDIA, 2001, p.320), bem como na ocorrência de delitos criminais, todos eles devidamente diagnosticados em fase prévia, que envolve *atores sociais*, os quais vão muito além da polícia e da *comunidade*, passando por representantes dos setores de educação, saúde, habitação, indústria, comércio etc.

Em relação à “qualidade do meio ambiente urbano”, outros problemas precisam ser levados em conta. Em primeiro lugar, não se pode desconsiderar o papel do “urbanismo defensivo” proposto pelo norte-americano Newman (1973), cujos princípios foram recuperados recentemente em grandes intervenções efetuadas

em bairros pobres e degradados, que resultaram na implantação de empreendimentos imobiliários destinados aos segmentos sociais altos e médios (PRÉVÓT-SCHAPIRA; PIÑEDA, 2008, p.83). Billard, Chevalier e Madoré (2005) identificam uma retomada de tais princípios nos EUA, na década de 1980, dessa vez sob a denominação de “teoria das janelas quebradas”, que novamente associava polícia e urbanistas no enfrentamento a violência urbana e se desdobrou, posteriormente, na “política de tolerância zero”⁸.

Sem mencionar nenhuma dessas referências e apoiando-se em autores norte-americanos, Adorno e Cardia (2002, p.324) caracterizam os bairros degradados como locais onde há “pouco ou nenhum controle social” e onde a “chance de ser pego é pequena”, chegando ao ponto de identificar “a presença de fortes concentrações de população em situação precária” como fator da insegurança, sem acrescentar qualquer comentário crítico acerca da tradicional e problemática associação entre violência e pobreza. Em seguida, concluem que “o uso misto do solo – residencial e não-residencial – tem impacto negativo sobre o convívio social” (ADORNO; CARDIA, 2002, p.325), novamente, sem fazer qualquer referência aos urbanistas que defenderam a divisão do espaço urbano por função, inspirados na obra de Le Corbusier, e à ampla crítica de que têm sido alvo, incluindo a de fragmentar, condenando à destruição a própria cidade contemporânea⁹. Além disso, também não são poucos os diagnósticos acerca da degradação das áreas centrais de cidades latino-americanas, devido justamente à ausência de mescla de funções ou, em outros termos, como decorrência da ausência de moradores e da predominância das atividades comerciais e de serviços.

Ainda que o texto debatido seja apenas um capítulo de livro, cujos limites nas possibilidades de discussão de cada uma das questões a que se reporta não

⁸ Kessler (2009) retoma tal identificação, lembrando ainda que a “política de tolerância zero” foi parcialmente responsável pela hiperinflação carcerária nos EUA, denunciada por Wacquant (2001).

⁹ Por exemplo, Sennett (1998) e Caldeira (2000).

ignoramos, não podemos deixar de assinalar o caráter problemático de tais omissões, dadas sua complexidade e as inúmeras contribuições de outros especialistas sobre as mesmas questões, inclusive latino-americanos como, por exemplo, a crítica de Carrión (2008, p.124) à “prevenção situacional no espaço público”, à qual o autor contrapõe a necessidade de se propor um novo urbanismo.

O que se evidencia é o distanciamento em relação a perspectivas mais politizadas, presentes na maior parte dos trabalhos do Núcleo de Estudos da Violência. Tal distanciamento reflete e reproduz, simultaneamente, a desconsideração da necessária compreensão de que a cidade não pode ser pensada de forma fragmentada, ou seja, de que é imprescindível levar em conta as articulações, frequentemente contraditórias e problemáticas, de cada um dos bairros, cuja violência se pretende enfrentar, com a cidade, e vice-versa, com a qual pretendemos contribuir nesse artigo.

Mas há um outro agente que precisa ser levado em conta no estabelecimento dessas relações, a mídia, uma vez que a representação da violência urbana que ela produz tem papel importante e contraditório em relação a desvalorização das especificidades dos espaços urbanos como uma das dimensões, ainda que certamente não a única, necessária à sua compreensão e enfrentamento. Por um lado, a mídia procura espacializar os crimes, recorrendo frequentemente a preconceitos e estereótipos, alguns dos quais historicamente reproduzidos¹⁰, conseqüentemente, identificam bairros populares, como bairros perigosos, ampliando e reproduzindo estigmas territoriais (WACQUANT, 2001) e processos de segregação socioespacial. Por outro, ao direcionar a atenção às metrópoles e reproduzir cotidianamente notícias sensacionalistas sobre as mesmas, sem assumir tal direcionamento, a mídia acaba por produzir a representação de uma violência difusa, que está por toda parte, desconsiderando e encobrindo particularidades que incluem problemas a serem enfrentados.

¹⁰ Dentre esses preconceitos, destacamos como aqueles que relacionam violência e pobreza.

Buscando contribuir para a necessária aproximação entre as pesquisas sobre violência urbana e os estudos urbanos, nesse artigo voltamos nossa atenção para um bairro periférico, Conjunto Habitacional Brasil Novo, de uma cidade média situada no Oeste Paulista, Presidente Prudente, conhecido pela representação violenta. Entrevistas realizadas com seus moradores foram a principal fonte de pesquisa na qual nos baseamos.

2. Brasil Novo

O Conjunto Habitacional Brasil Novo localiza-se na porção norte da cidade, é composto por lotes urbanizados e pelas unidades residenciais do Conjunto Habitacional. O bairro surgiu no ano de 1990, com a aprovação do Conjunto Habitacional, tendo a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), como agente promotor (SILVA, 2005).

Na área destinada ao loteamento urbanizado, alguns lotes foram doados aos moradores removidos de favelas e a maioria dos lotes foi vendida para famílias de diversas áreas de Presidente Prudente. Os critérios para obtenção dos lotes comercializados foram os seguintes: baixa renda, família constituída e não ser proprietário de nenhum outro imóvel.

Segundo a Prefeitura Municipal, a necessidade da implantação do loteamento deu-se por conta do *déficit* habitacional e do grande número de áreas públicas ocupadas irregularmente. A gleba onde foi implantado o loteamento inicialmente não era da Prefeitura Municipal, tratava-se de uma propriedade rural. Desse modo, o Brasil Novo foi implantado fora do perímetro urbano, que foi ampliado em 1996, com o Plano Diretor.

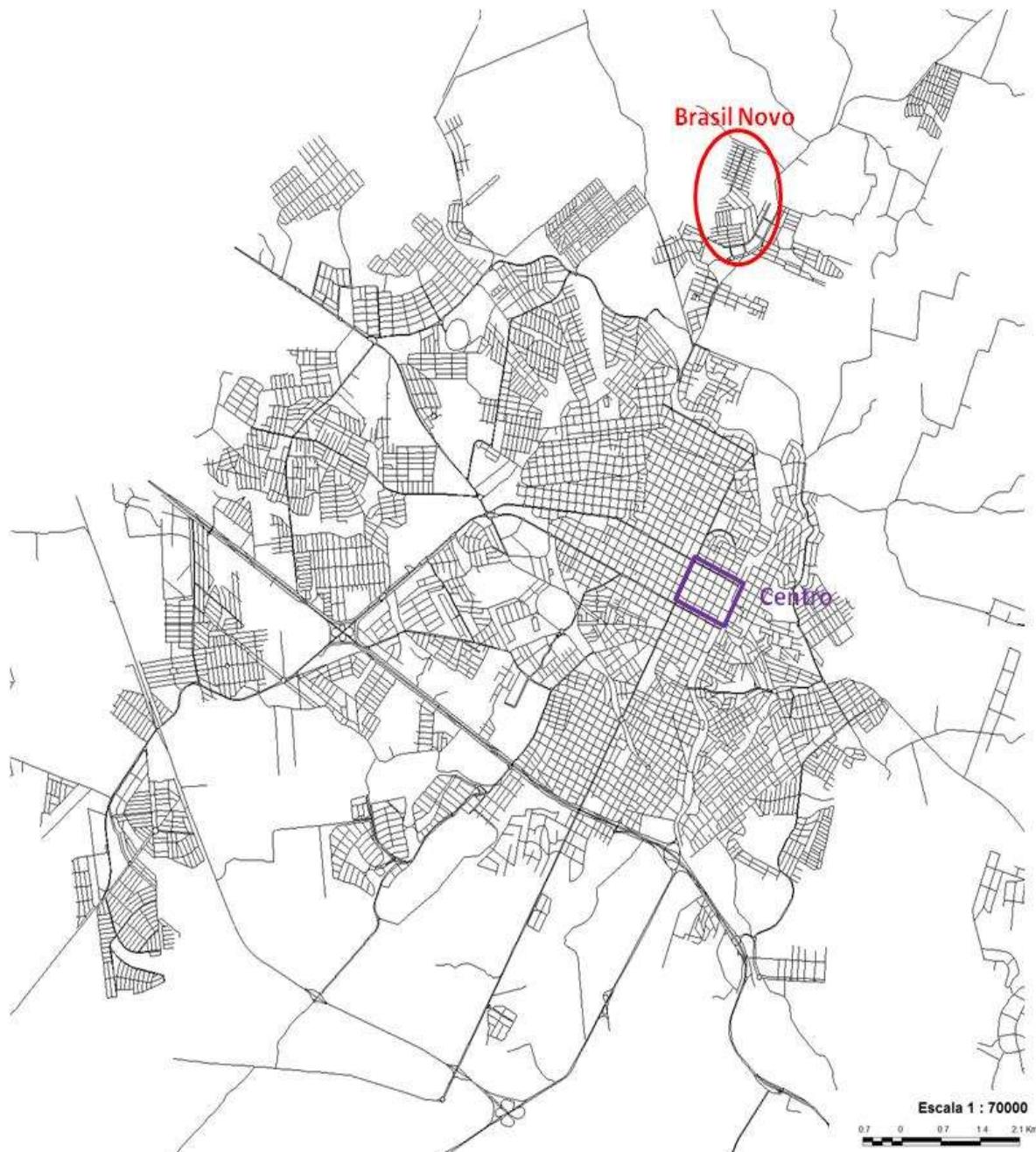


Figura 1. Localização do Conjunto Habitacional Brasil Novo em Presidente Prudente – SP

Daí uma das características do bairro que se refere à sua localização (Figura 1), qual seja, a distância do centro da cidade, que sugere separação, e mesmo uma estratégia de controle social e de segregação socioespacial, segundo a qual os

pobres devem residir em locais cada vez mais distantes da área central da cidade. Mas outros desdobramentos, não previstos, também se relacionam a essa característica, como é o caso da presença do tráfico de drogas que identifica nessas características vantagens para sua territorialização.

Trata-se de um padrão no qual a própria política habitacional está pautada, denominado de centro-periferia, em que os diferentes grupos sociais encontram-se separados: classe média e alta nas áreas centrais da cidade e os pobres nas precárias e distantes periferias (CALDEIRA, 2000, p.211)¹¹. Assim, a origem do bairro se relaciona ao modo como se deu o crescimento da própria cidade de Presidente Prudente e, simultaneamente, às estratégias empregadas para ordenar (e regularizar) a inserção das camadas populares.

O Brasil Novo foi inaugurado oficialmente em 1992, quando era desprovido de infraestrutura, como rede de esgoto e asfalto. A distância do centro da cidade era agravada pela insuficiência da linha de ônibus que atendia ao bairro, e não havia creche, escola, posto de saúde, etc.

As melhorias ocorreram com o passar do tempo através da mobilização de seus moradores que denunciavam as precárias condições e exigiam providências dos órgãos competentes, conforme verificado em pesquisa realizada nos jornais locais¹² e conforme narram os moradores¹³ mais antigos:

Quando eu mudei para cá, era muita lama, quando chovia, a gente sofreu muito porque não tinha asfalto. (Benedito, entrevista concedida em 06/09/2011)

O bairro aqui era bem precário, uma lama quando chovia, ônibus tinha que ir lá em cima pegar... não tinha asfalto, nem comércio, só um botequinho

¹¹ Embora a autora mostre como esse padrão não explica mais a expansão urbana da cidade de São Paulo, no caso tratado nesse artigo, tal padrão ainda se aplica.

¹² Ana Cláudia Nogueira (2008) pesquisou as matérias publicadas nos dois jornais locais, *O Imparcial e Oeste Notícias*, no período de 1990 – 2000, quando as manifestações públicas dos moradores foram noticiadas, ao mesmo tempo em que predominavam as notícias sobre crimes lá ocorridos.

¹³ Todos os nomes dos entrevistados são fictícios.

que vendia as coisas. Mercado, essas coisas, não tinha nada, só tinha mesmo água e luz. (Helena, entrevista concedida em 02/02/2012)

Mas se essas referências foram características de moradores que lá residem há mais de 5 anos, a constatação de que há consumo e tráfico de drogas no Brasil Novo esteve presente em todas as 22 entrevistas lá realizadas, embora isso não aparecesse entre os principais problemas que identificam atualmente. Com ruas calçadas, rede de água, energia elétrica e esgotos, coleta de lixo, orelhões, quatro linhas de ônibus, posto de saúde, escola de ensino fundamental, creche, posto policial, 29 estabelecimentos comerciais diversos, um distrito industrial com 15 pequenos estabelecimentos, feira semanal, "academia da terceira idade", quadra coberta e dois campos de futebol com um *playground* anexo e 8 igrejas (uma católica e 7 evangélicas), além de casas em alvenaria, às quais alguns entrevistados se referiram enfatizando que "eles mesmos construíram"¹⁴, são visíveis as mudanças objetivas ocorridas no bairro.

No seu cotidiano, os moradores identificam a falta de uma lotérica, onde "pudessem pagar suas contas", de estabelecimentos comerciais maiores para fazer compras, de uma farmácia e de maior frequência nos ônibus, como principais problemas, ainda que o horário comercial de funcionamento do posto policial e a falta de segurança a ele relacionada, direta ou indiretamente, e a insuficiência das opções de lazer voltado aos jovens também tenham sido mencionados.

Foi quando perguntamos sobre o problema do consumo de drogas que um sujeito assumiu papel recorrente nos discursos dos entrevistados, os jovens moradores do Brasil Novo, conforme demonstram os seguintes exemplos:

[Você sabe se há problemas com drogas no bairro?]

¹⁴ "Fomos nós mesmos que construímos, não foi prefeitura não, foi uma luta" (Marta, entrevista concedida em 09/09/2011).

Lá para cima tem. Ali para cima mesmo, eu sei de uma pessoa que saiu de dentro da casa dela, comprou outra casa aqui para baixo, porque ela foi violentada, menina, na casa dela, foi o próprio filho dela, que bateu nela, machucou tudo ela. Faz uns dois anos mais ou menos. Então, porque o filho não obedece a pai e nem mãe, daí ele se juntou com o pessoal que usa droga. Então, ela foi violentada, porque ela foi tomar um rádio que o filho dela pegou, ele ia pegar e vender para usar drogas, daí ela avançou nele e ele bateu nela. Então ela se mudou para uma dessas ruas aí embaixo e deixou o filho morando lá. Fora isso, eu soube de gente que morreu aqui no bairro, mas faz muito tempo, só me lembro de um caso, faz muitos anos, mas o rapaz, ele não era aqui do bairro não, ele era do [Jardim] Alexandrina, ele veio atrás de um cara aí lá na Rua Cinco, por causa de uma menina que namorava o cara, daí ele morreu inocente. Até a mãe dele era da nossa igreja, o cara ia atirar no outro e daí o tiro pegou nele. O cara mesmo que era para acertar o tiro, ele correu. Então, aconteceu aqui no Brasil Novo, mas os caras não eram daqui. Faz tempo, faz uns cinco anos... Então foi nessa mesma dita casa que mataram o nosso irmãozinho [da mesma igreja] que a pessoa que mora lá está presa. O rapazinho que morreu não morava aqui também não, era de outro bairro... (Marta, entrevista concedida em 09/09/2011)

Tem. Ah, eu ouço muito isso aí, mas eu nem ligo para isso também. Ah, eles matam uns aqui, matam outros ali no [Jardim] Humberto Salvador também. Então o pessoal está sempre comentando de morte por aí. Aqui no Brasil Novo também, já teve muita morte aqui. Não faz muito tempo, uns dois anos mataram um rapaz aqui do bairro a tiros. Ele era moleque, usava drogas, pegaram ele aí na casa dele e mataram. Um rapaz novo, acho que tinha uns vinte e poucos anos, ele já tinha envolvimento com droga, tinha dívida, ele era cadeeiro [esteve preso], daí soltaram ele. (Inácio, entrevista concedida em 04/01/2012)

Aqui tem uns vagabundinhos que fumam as drogas deles, mas a gente passa e faz de conta que não vê e tudo bem. A única coisa que aqui é ruim é que essa casa não tem muro, e fica ruim de morar. Eu tenho problema aqui por causa disso. Outro dia um rapazinho que fica soltando papagaio aí, um moleque grande sabe, de 15, 16 anos, eles me quebraram todos os vidros aí,

sabe? Eles já deram pancada na porta, agora só tem uma porta, eles deram pancadas lá na porta do fundo e arreventaram toda a porta e roubaram umas coisas aí. Eu tive que fazer, sabe o que? Eu tive que levantar um muro lá atrás no lugar da porta do fundo e agora ficou só essa porta aqui. Isso faz uns oito meses mais ou menos, eu não estava em casa, foi num domingo a noite. Então, a única coisa ruim é isso, que às vezes eles fazem muita bagunça a noite, bagunça assim, ficam com aquele converseiro, agora ainda parou um pouco, porque eu liguei, eu liguei para polícia. Os caras ficavam usando droga direto, aquele barulho danado, um converseiro no celular. Eu liguei e a polícia veio aí. Eles não podem ficar sabendo, não, se não pode complicar para mim. A gente tem medo, sabe? (Antonio, entrevista concedida em 04/01/2012)

Ali para baixo tem é muito. Eu ouço todo dia no rádio, eu ouço falando que prendeu gente com esse negócio de droga aqui no Brasil Novo,... Outro dia mesmo, aqui na rua, faz pouco tempo, acho que um mês, mais ou menos, o rapaz aqui, a casa dele é aqui no final da rua, uma casa bem fechada, com portão, grade, muro alto e tudo, o rapaz, ele estava saindo para levar a mulher dele no ponto de ônibus para trabalhar, daí quando ele abriu o portãozinho do lado, um rapazinho que estava correndo da polícia veio e entrou, e falou para ele: *me deixa ficar aqui tio, a polícia quer vir me pegar, dá um cigarro para mim aí tio*. Daí ele pegou e deu. Daí ele perguntou: *está limpa a barra para mim aí tio?* Daí o rapaz falou: *está sim, eles já foram*. Então ele foi embora. A gente fica com medo, pior que dá dó, menina, uns meninos novos... (Luis, entrevista concedida em 07/01/2012)

Perigoso aqui é a Rua Seis, mora um pessoalzinho ali. Em outra rua aqui para cima também mora um rapaz que mexe com o tráfico, ele fornece drogas para os usuários, mas ele já mudou daqui, a polícia veio atrás dele aí e ele mudou daqui, parece que está morando agora aqui para baixo. Tem uma rua ali que tem também. Então é em algumas ruas só, por causa desse negócio de drogas. (Pedro, entrevista concedida em 26/01/2012).

Nessas e noutras respostas, 4 aspectos se destacam: 1. a banalização das referências ao consumo de drogas e à violência a ela relacionada que, no entanto,

costuma estar presente nas mesmas narrativas em que a sensibilidade em relação ao sofrimento dos próprios jovens dependentes, assim como de seus familiares, é demonstrada; 2. a temporalidade dos casos de violência narrados (relacionados às drogas), sempre no período noturno e frequentemente durante a madrugada, o que ajuda a compreender tanto uma chave moral na qual são inseridos (“também, se estava na rua naquela hora...”, “saía fora de hora...”), como a maior exposição de alguns moradores (“saio para trabalhar às 4 horas...”), ainda que, ao nível do discurso e das práticas descritas, as diferenças entre os trabalhadores e *os outros* sejam claramente demarcadas. A pertinência das críticas em relação ao horário “comercial” de funcionamento do Posto Policial¹⁵, quando os problemas do bairro sempre acontecem à noite, também se torna mais evidente. 3. As divisões internas ao bairro, dificilmente identificáveis para os *não moradores*, mas familiares a todos os entrevistados, que demarcam novas diferenciações entre *nós*, moradores das áreas “tranquilas”, e *eles*, “lá de cima”, perto no “fim da linha do ônibus”, onde ocorre o consumo de drogas e predominam os problemas dele decorrentes. Mas, há exceções, como se evidencia na entrevista de Luis, para quem o problema não está “lá em cima”, mas sim, “ali em baixo”. 4. As divisões entre aqueles que são do bairro e aqueles que não são, valorizadas mesmo quando se trata da narrativa das suas práticas violentas (“mas o rapaz não era aqui do bairro não, ele era do [Jardim] Alexandrina... Então, aconteceu aqui no Brasil Novo, mas os caras não eram daqui”; “eles matam uns aqui, matam outros ali no [Jardim] Humberto Salvador também”) também possibilitam a identificação de um aspecto em comum, a referência à periferia, na qual se localizam todos os espaços mencionados.

Mesmo assim, não foram poucas as entrevistas em que a banalização da violência se expressou pela naturalização das relações entre cidade e violência, cuja

¹⁵ Mesmo assim, o Posto Policial é representado por alguns como conquista, o que pode ser compreendido tanto no âmbito das relações ambíguas que os moradores da periferia estabelecem com a polícia, quanto pela oposição que procuram reiterar, ao menos no nível discursivo, entre polícia e criminosos, da qual decorre a necessidade de alinhar-se com a primeira.

importância temos reiterado desde o início deste artigo: “mas essas coisas agora acontecem em qualquer lugar”; “no jornal da Globo se vê que no Rio sim que é violento”; “em todo lugar tem aquela gente, assim, complicada, eles usam drogas...”

Dentre esses aspectos, levando em conta os limites desse artigo, nos deteremos em 2 deles, discutidos a partir da perspectiva das territorialidades internas ao Brasil Novo, identificadas nas narrativas dos entrevistados, e dos signos urbanos diretamente relacionados à periferia, por eles mencionados de modo reiterado. As interligações estabelecidas entre as duas perspectivas, no nível analítico, coincidem com as interligações observadas empiricamente.

As relações contraditórias entre a espacialização da violência e a representação da violência difusa, promovidas pela mídia, não podem ser desconsideradas quando se trata de identificar as referidas territorialidades, tanto porque contribuem para que a complexidade das relações entre violência e espaços urbanos seja evidenciada, quanto porque há influências e reações diversas às mesmas. Se, por um lado, a percepção de que a violência está por toda parte¹⁶, se desterritorializando, isso gera tanto uma insegurança generalizada, muito própria da modernidade, quanto a necessidade de produzir mecanismos cotidianos de defesa. A mídia atua sobre esses mecanismos, promovendo-se ao fornecer soluções como evitar certas áreas da cidade, reproduzindo, como já dissemos, segregação socioespacial.

Mas como essas soluções não são acessíveis para todos, novas estratégias são cotidianamente produzidas, como é o caso das distinções e fronteiras simbólicas no interior das áreas mais atingidas pelos processos de segregação, elaboradas por seus moradores, e das narrativas que contestam as representações de violência e perigo atribuídas aos espaços que ajudaram a transformar em cidade, ou cuja transformação

¹⁶ “Porque a cidade cresceu, vai aumentando as pessoas, e vai aumentando a violência também” (Marta, entrevista concedida em 09/09/2011).

testemunharam¹⁷. As diferentes temporalidades próprias das mudanças objetivas, nesse caso, de realidades periféricas, e da sua representação social, ajudam a compreender tais desconexões. Assim a distinção entre *nós*, moradores do Brasil Novo, e *os outros*, moradores de Presidente Prudente, assume novo significado: *nós* sabemos que agora o bairro que ajudamos a produzir é tranquilo e que são outros os espaços periféricos perigosos, embora os outros não saibam.

3. Fronteiras vielas

As distinções e fronteiras internas observadas não chegam a assumir a importância identificada por Elias e Scotson na obra “Estabelecidos e outsiders” (2000), uma vez que, a despeito da espacialização das distinções que constata em Winston Parva, também encontradas no Brasil Novo, o que demonstram com esse estudo de caso são as estratégias de poder que um grupo, denominado de “estabelecidos” pelos autores, exerce sobre um outro grupo, denominado de “outsiders”. No Brasil Novo, a imprecisão das distinções se evidencia pela possibilidade da sua subversão, quando a área que está no alto, predominantemente identificada às práticas violentas e ao consumo de drogas, passa a ser identificada “ali para baixo”, como fez Luis (acima citado), mas apoia-se em signos urbanos fortemente associados aos espaços urbanos deteriorados e desvalorizados, como costumam ser representados aqueles que não foram planejados e, portanto, não são suficientemente largos e planos para possibilitar a circulação dos veículos, inadequados, desse modo, para o controle social. Esse é o caso das “vuelas” às quais se referiram muitos de nossos entrevistados, sempre diretamente associadas ao consumo de drogas, ao perigo e a presença de jovens (Figura 2). As passagens seguintes são exemplares:

¹⁷ Nesse caso, o pesquisador assume papel importante, como mediador entre o Brasil Novo e os demais espaços urbanos de Presidente Prudente.

Esse rapaz que mataram está com mais ou menos um ano, meteram bala nele. Ele já tinha sido preso, já. Era gente que tinha envolvimento, quem matou era gente que também mexia com isso, a pessoa compra drogas e às vezes não paga, tem uns acertos e o pessoal mata mesmo, eles não estão nem aí. O pessoal entra nessa daí, faz uma, duas, três vezes, e acham que nunca vão cair, mas uma hora cai, a pessoa vai preso e então vai perdendo tudo que tem. Então lá para cima é feio, tem aquelas vielinhas, você passa ali e fica aquele monte, à noite, tudo fumando as drogas deles. Eu passo e falo: *boa noite rapaziada, tudo bem?* Eu cumprimento e vou embora. (Antonio, entrevista concedida em 04/01/2012)

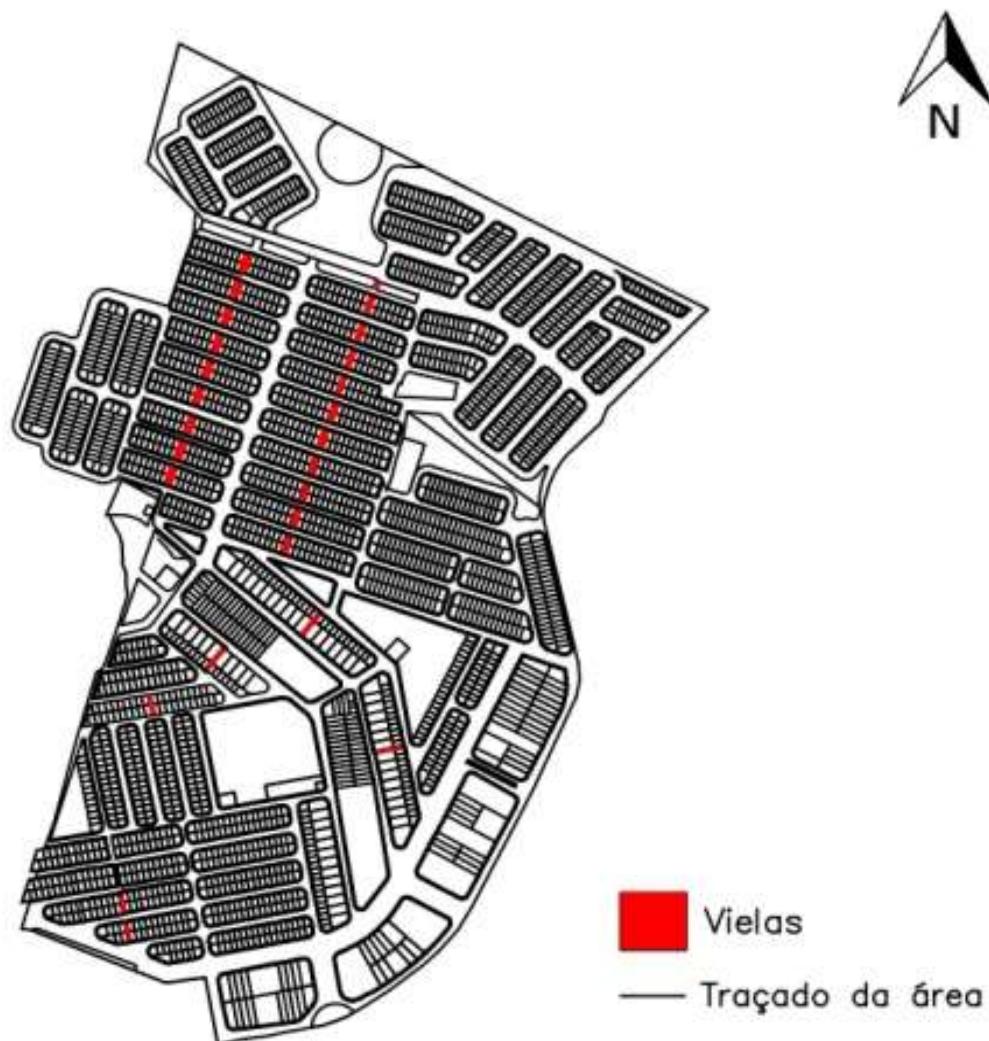
Igual esse dia que revistaram o rapaz aqui, revistaram dois, mas deixaram. Depois eles revistaram mais dois e esses dois eles levaram. Aqui, volta e meia a polícia passa e sempre leva. Só que esse dia não foi dessa viela, não, foi na viela lá embaixo, então esses eles levaram, mas depois soltaram. Um é aqui da rua, usa droga, mas não mexe com ninguém, fica na dele, eles não mexem com a gente daqui. (Luis, entrevista concedida em 07/01/2012)

Às vezes eu tinha medo porque eu passava pela viela e estava aquele monte assim fumando daquele lado e a viela é aquele caminhozinho, e eu passava e falava: *Boa Noite!* Inclusive ali tinha bandido que já tinha ameaçado o meu pai. (Vilma, entrevista concedida em 02/02/2012)

Lá para cima é. Lá é muito solitário. Parece até outro bairro. Outro dia fui lá à noite e tinha umas pessoas estranhas sentadas nas vielas, lá também tem uns becos. Acho que onde é deserto, vai tendo mais coisa ruim, tem um pasto lá bem no final, tem muitos beco e muita viela, falta investimento, acho que aquela parte lá é mais abandonada. (Rosa, entrevista concedida em 04/02/2012)

O pessoal estava na viela, encostado de casa, eles [policiais] chegaram assim, igual uns bichos em cima, sabe? Aí já colocou a menina na parede de joelho. Gente, de joelho, a menina?! Então a menina começou a chorar e eles falaram desse jeito: *Porque você está chorando, está com droga aí?* Daí a menina falou assim: *Não, é porque eu nunca passei por uma humilhação dessas.* Aí diz que eles começaram a bater no rapaz lá e um morador daquela rua falou assim: *Oh, porque vocês estão fazendo isso com o rapaz?*

Por quê? Ele está com droga? Ele não é traficante, ele não é bandido, não, porque vocês estão fazendo isso com o rapaz? Pode soltar ele, ele trabalha, ele não é vagabundo, não, ele trabalha vocês têm que prender vagabundo e não quem trabalha. Ele está aqui descansando. Ninguém tem o direito de ficar sentado perto da porta da sua casa, na viela, que já é bandido. (Fernanda, entrevista concedida em 02/09/2011)



Autoria de Marina Clementoni Costa Borges

Figura 2. "Vielas" do Conjunto Habitacional Brasil Novo (Presidente Prudente – SP)

Sem estabelecer relações diretas entre forma e função, além da heterogeneidade desses espaços, o que pretendemos evidenciar são as conexões objetivas e subjetivas entre características inerentes à própria produção da periferia e a sua conceituação, nos termos propostos por Rosa (2009). Levando em conta a contraposição entre centro e periferia, da qual a definição da periferia resulta perpassada pelas irregularidades e ilegalidades urbanas que caracterizam a inserção das camadas pobres no espaço urbano, a autora problematiza tal dicotomia, especialmente entre formal e informal (periférico), em função do risco de “deixar escapar a complexidade das relações que caracterizam tais fronteiras” (ROSA, 2009, p.3), aproximando-se, portanto, das evidências que encontramos no Brasil Novo, sobretudo quando valorizamos as narrativas dos seus moradores, reconhecidos como sujeitos produtores daquele espaço urbano.

Mas a aproximação maior com a proposição da autora se dá em função do reconhecimento de que a importância adquirida pela violência urbana e pelo tráfico de drogas contribuiu para legitimar tais concepções dualistas, sobretudo quando foram reapropriadas pela mídia, pelos políticos, ONG's etc., o que lhes conferiu conteúdo perverso: a generalização e a criminalização dos seus moradores, associada a ilegalidade, a desordem¹⁸ e a exclusão social (ROSA, 2009, p.9). Para nós, importam as particularidades que esse processo assume numa cidade média, como Presidente Prudente, na qual a produção de habitações de interesse social foi promovida nos anos 1990, a partir de combinações, como a concessão de lotes para famílias removidas de favelas e a venda dos demais para outras famílias pobres, ao mesmo tempo em que a distância em relação a malha urbana consolidada e a carência de serviços e equipamentos só era superada mediante a organização coletiva dos próprios moradores, responsáveis portanto, por transformar o Brasil Novo em cidade. Mas o impacto da violência urbana e do tráfico de drogas pautam as narrativas dos

¹⁸ Corroborando a caracterização dos bairros degradados como locais onde há “pouco ou nenhum controle social” (ADORNO e CARDIA, 2002, p.324), antes mencionada.

seus moradores, demonstrando o alcance desses processos, ao mesmo tempo em que conferem a eles particularidades só percebidas por quem vive cotidianamente esses espaços.

Assim identificamos possibilidades da subversão e de disputa velada sobre determinados espaços¹⁹ do bairro que sempre levam em conta a presença dos jovens pobres, representados como violentos e envolvidos com drogas, e sua territorialização nas vielas, por exemplo, ao mesmo tempo em que justificativas e demonstrações de sensibilidade diante da sua condição pontuam as narrativas dos entrevistados, especialmente quando se trata de jovens do bairro e mais ainda quando são da família:

Às vezes a gente vê gente por aí que apronta faz as coisas para andar bem vestido, para comprar alguma coisa, mas ele [o primo] não, ele não se interessa por nada sabe. Não tem vontade de ter nada, é muito estranho, parece assim que ele desistiu de tudo. A gente fica em cima direto. Agora ele saiu, está aí na rua, ele fica o dia inteiro sentado embaixo de uma árvore, olhando o dia passar, se você olhar ali [referindo-se a esquina da rua], você vê. A gente fica na cola, quando ele entra em casa, minha mãe já vai atrás revistar ele, é todo dia assim. O bom é que assim..., ele não é agressivo nem nada, a gente vai falar as coisas com ele, ele só chora. Assim não dá! Ele tem que se interessar por alguma coisa. Não é verdade? (Flávia, entrevista concedida em 23/01/2012)

Aqui os vizinhos todos gostam do meu menino, ele é um menino muito bom, nunca participou de nada errado, ele sempre trabalhou. Teve vizinho aqui que até chorou quando soube que ele foi preso. (Odair, entrevista concedida em 07/02/2012)

O problema aqui é emprego. O adolescente quer ter as coisas, mas aí não consegue emprego, é onde que vai fazer as coisas erradas... Olha, o meu

¹⁹ Os entrevistados mencionaram estratégias como buscar a companhia de jovens moradores do bairro para circular pelas áreas perigosas, manter relações amistosas com os próprios traficantes e consumidores de drogas e, sobretudo, "fazer de conta que não vê e tudo bem".

filho foi criado na igreja, tinha que ver... a coisa mais linda, meu filho todo arrumadinho com a bíblia indo para igreja. Ele queria trabalhar, procurava emprego, mas não tinha. Eu criei os meus filhos e eu tenho certeza que se eles tivessem trabalho, não teria acontecido isso que aconteceu com eles [referindo-se a prisão de seus dois filhos], meus meninos são meninos bons, menina, aqui todo mundo gosta deles. O que precisa aqui é ter trabalho para os jovens. Eu não estou dizendo que isso justifica o erro, mas ajuda a pessoa a tomar a decisão errada. (Benedita, entrevista concedida em 06/06/2011).

Dois outros aspectos presentes nessas falas devem ser levados em conta com vistas à compreensão da multiplicidade de fatores que se combinam para produzir violência, sobretudo associada ao consumo e tráfico de drogas, nesses espaços: 1. a importância assumida pelo consumo na vida dos jovens (não apenas, mas inclusive) pobres da periferia; 2. a ambiguidade das relações que esses jovens estabelecem com o “mundo do trabalho”, já não mais tão claramente contraposto ao “mundo do crime”, como procuram sugerir nossos entrevistados²⁰, vários deles pais, mães, irmãos, primos ou vizinhos de jovens envolvidos com a criminalidade.

Nesse sentido, a dimensão temporal assume importância novamente, conforme indícios tão sutis, quanto frequentes, das falas dos entrevistados sugerem, quando se referem à predominância das estratégias individuais no enfrentamento dos problemas cotidianos, inclusive da própria violência urbana, e relacionados aos jovens. É com base nessas estratégias que reafirmam a tranquilidade do Brasil Novo, várias delas já citadas nas passagens acima, e a injustiça da representação negativa que continua a ser associada a ele:

²⁰ “Eu sempre trabalhei, eu sempre não tive nada, só isso mesmo. Eu vou falar uma coisa para você, eu nunca passei necessidade na minha vida, mas eu também nunca passei bem, sabe por quê? Eu sempre trabalhei, graças a Deus! Eu nunca fiquei desempregado” (Carlos, entrevista concedida em 07/01/2012).

Eu sento aqui na frente de casa direto. É como eu falei para você, agora se a pessoa sair fora de hora, vai ter perigo em qualquer lugar. Eu não acho aqui perigoso, não. (Carlos, entrevista concedida em 07/01/2012)

É perigoso para quem quer. Se a gente ficar quietinho no nosso lugar, ninguém mexe com eles. Se não mexer com eles, eles não fazem nada. Se todo mundo fosse igual a mim, não falava as coisas... Perigoso é. É perigoso assim, que eles saem daqui e vão aprontar em outro lugar, então aqui, eles não fazem nada, aqui ninguém mexe. (Marta, 09/09/2011)

Agora o posto policial que eles fizeram aqui no bairro, isso aí não valeu de nada... Nem os marginais ali da beira, não mudaram. Eu não tenho nada a ver com a vida deles sabe? Eles são meus alunos, eles me respeitam, muitas vezes me fazem companhia, vindo embora comigo. Outra coisa que deveria melhorar aqui... daqui até a escola, tem uma chácara, então, naquele pedaço, tem época que não tem uma lâmpada, minha filha. Então, menina, e ali quem faz companhia para eu vir embora? Os marginaizinhos que são meus alunos. Eu me dou bem com eles, então, eu queria que tivesse assistência para as lâmpadas ali. (Vilma, entrevista concedida em 02/02/2012).

Assim retornamos aos sujeitos cuja importância foi evidenciada pelas narrativas dos entrevistados, os jovens moradores do Brasil Novo e dos outros bairros da Zona Norte de Presidente Prudente, ou seja, da sua periferia pobre, e com eles a uma dimensão ainda não explorada nesse artigo e diretamente a eles relacionada, ainda que surpreenda justamente por não ser a eles restrita: a violência da linguagem e a violência como linguagem (RONDELLI, 2000). É justamente essa difusão que confirma a capacidade de comunicação que adquiriu, a despeito da perversidade de tal constatação, conforme evidenciam as passagens abaixo e também aquelas citadas anteriormente:

[Você já sofreu algum tipo de violência no bairro?]

Eu já. Pelo meu ex-marido, a gente brigava direto, saía nos tapas, depois quando eu quis separar, ele não aceitava, ele queria me matar [risos]. Daí eu

tive que ficar escondida, aqui mesmo dentro de casa, para ele não *vim* mais atrás de mim. Eu não cheguei a fazer denúncia nem nada, não chamei a polícia, não. Ele bateu em mim e eu bati nele também, eu não ia apanhar e ficar quieta. [...] A gente já viu assim gente brigando na rua, batendo na mulher. Às vezes bêbado brigando. Outro dia o cara estava batendo tanto na mulher, e a gente foi olhar, ele ficou bravo com a gente também, daí a gente correu para dentro com medo. Isso faz uns seis meses. Teve o caso de uma menininha que mataram aqui no bairro, acho que faz uns seis anos, não sei, ela foi violentada e morta aqui no bairro. A gente não conhecia, mas a gente ficou sabendo. (Flavia, entrevista concedida em 23/01/2012)

Já, duas vezes. A primeira vez foi na véspera do Ano Novo, no finalzinho do ano passado. Meu irmão veio me visitar, estava ele e meu outro irmão de criação e os meus filhos brincando na área, olhando para rua e vendo umas pipas, daí eles estavam olhando e uma pipa estava caindo, então esse meu irmão mais velho e o meu filho de dez anos correram para pegar, como estava assim, na beira da minha casa... Chegou um rapaz que disse que era dono da pipa, o meu irmão falou: *Não, a pipa caiu e eu peguei e eu não vou te dar a pipa, então o rapaz falou, não, mas a pipa é minha...* E ele veio em cima do meu irmão para tomar, ele foi e tomou, aí meu irmão pegou e falou assim: *Soca, soca naquele lugar.* O menino falou assim: *Espera aí que você vai ver quem é que vai socar aqui.* O meu irmão veio embora com a pipa. O meu irmão entrou, pegou uma faca e o outro também, ele saiu dizendo que iria lá, daí eu falei: *Davi, pelo amor de Deus, deixa isso para lá, não arruma confusão com esse moleque, não.* Então ele falou: *Não, o cara está pensando o que? Ele veio me tirar.* Meu irmão foi saindo, ficou aqui na frente e, quando pensa que não, dali a pouco, o rapaz já estava voltando. O rapaz já veio com uma faca na mão, xingando meu irmão, chamando ele de *cuzão*, de *arrombado*, que agora *onde estava o galinho de briga?* Daí o meu irmão pegou a faca e colocou aqui atrás das costas na cintura, e foi lá. Ele ficou lá batendo boca com o meu irmão, daí eu cheguei lá e disse: *Vamos parar com isso!* O rapaz falou: *Não, esse cara veio tirar uma comigo aqui no meu bairro, e não sei o que...* Porque o meu irmão é outro, ele não é flor que se cheire, não. Daí o meu irmão falou: *Então está bom, me desculpa.* Deu a mão para

ele ainda, mas ele falou assim: *Que desculpa porra nenhuma, não tem desculpa porra nenhuma não*. Disse que isso não iria ficar assim não, *you está pensando que isso vai ficar assim? You vai se foder na minha mão*. Então o meu irmão falou assim: *Rapaz, eu estou te pedindo desculpas, você não quer aceitar, não, então vai a merda!* O rapaz ficou falando,... Dali a pouco veio de novo o moleque com outro cara, um rapaz que ele chamou que tinha acabado de sair da cadeia,... Eu fiquei com medo porque o rapaz foi covarde, se ele era homem, então porque ele não enfrentou o meu irmão igual homem, mão a mão, mas não, ele veio logo com uma faca e depois ainda chamou o outro para ajudar ele. Vai saber se ele não iria arranjar mais uns caras para depois querer pegar o meu irmão, a gente fica assim, com medo sabe? ... e depois de mais ou menos uns dois meses que eu estava morando aqui, o meu irmão foi preso. (Fernanda, entrevista concedida em 02/09/2011).

As contribuições de Machado da Silva (2010, p.286) para o entendimento da “sociabilidade violenta”²¹ muito presente entre os jovens, ajudam a compreender o significado das narrativas citadas e inclusive, o processo de difusão de tal sociabilidade, para além dos envolvidos diretamente com o tráfico de drogas:

Até o passado recente, os grupos postos à margem, baseados na expectativa de uma integração futura, sempre reconheceram essa condição [de criminalização da população residente nos “territórios da pobreza”], sem que a tenham aceitado plenamente, de modo que se mantiveram valorativamente orientados para o próprio sistema que os segregava. [...] A novidade das últimas décadas é que um pequeno segmento desse contingente (os portadores da “sociabilidade violenta”, cuja formação e modo de atuação variam segundo as diferentes cidades do país) parece ter assumido positivamente e ativamente o estatuto que lhe é atribuído,

²¹ Na mesma direção, Feltran (2011, p.147) comenta, a partir do estudo de casos concretos de jovens de Sapopemba, bairro popular da capital paulista: “se todo mundo já os considerava bandidos mesmo, alguma coisa eles tinham de ganhar com isso”.

constituindo uma forma de vida própria e fechando o círculo de ferro da *violência urbana*. (MACHADO DA SILVA, 2010, p.296)

4. Ampliação do acesso à casa própria: avanços e desafios

Mudanças recentes reiteram a importância de se superar os limites das análises que não levam em conta as relações entre a violência e os espaços urbano, como aquelas produzidas pelo Programa Minha Casa Minha Vida que faz parte do Programa Nacional de Habitação e possibilita o financiamento de imóveis em até 30 anos, definindo que as habitações para famílias com renda de até três salários mínimos, contemplam a aquisição de empreendimentos na planta, pelo fundo especialmente criado pelo pacote, com subsídios entre 60 e 90% do valor do imóvel²². O Programa Minha Casa Minha Vida I pretendia construir um milhão de moradias, distribuídas de acordo com o *déficit* habitacional do país: 90,9% para quem recebe de 0 a 3 salários mínimos; 6,7% para quem recebe de 3 a 6 salários mínimos; 2,4% para quem recebe de 6 a 10 salários mínimos (HIRATA, 2009).

No lançamento, em 2009, foi “apresentado como uma das principais ações do governo em reação à crise econômica internacional e também como uma política social de grande escala” (SHIMBO, 2010, p.93). A partir do subsídio de unidades habitacionais, crédito para aquisição de habitações e ainda redução de juros, o objetivo do programa é “impactar a economia através dos efeitos multiplicadores gerados pela indústria da construção” (CARDOSO; ARAGÃO, 2013, p.35). A prioridade aos interesses das empresas construtoras se revela tanto na operacionalização do pacote, como no volume de recursos destinados. Segundo Fix e Arantes (2009), 97% do subsídio público disponibilizado, com recursos da União e do FGTS, são

²² Os empreendimentos precisam seguir as duas tipologias pré-definidas pela Caixa Econômica Federal: casa térrea (com 35 m²) ou apartamento (42 m²).

destinados à oferta e produção direta por construtoras privadas, e apenas 3% a entidades sem fins lucrativos (como cooperativas e movimentos sociais).

Atualmente este programa habitacional, que está na segunda fase (2011 - 2014), traz aperfeiçoamento das regras de financiamento e aprimoramento das moradias em relação à primeira fase (2009 - 2011), tendo como meta construir dois milhões de unidades habitacionais, das quais 60% voltadas para famílias de baixa renda.

Cardoso e Aragão (2012, p.44) sintetizam em oito pontos as críticas realizadas por diversos especialistas quanto ao MCMV, das quais importa para esse artigo destacar 4: 1. a falta de articulação do programa com a política urbana; 2. a ausência de instrumentos para enfrentar a questão fundiária; 3. os problemas de localização dos novos empreendimentos; 4. a grande escala dos empreendimentos.

Todas essas críticas, assim como primeiras pesquisas realizadas em cidades nas quais o MCMV teve empreendimentos implantados, não apenas reafirmam os problemas previstos, como acrescentam novos, decorrentes das novas temporalidades que caracterizam a produção e a difusão das representações sociais. Assim, poucos meses após sua ocupação, já são considerados espaços perigosos a serem evitados²³, ou seja, reproduzem os processos de segregação socioespacial, assim como seus desdobramentos, tão negativos para aqueles que vivenciam cotidianamente os estigmas territoriais, quanto para os demais moradores da cidade, uma vez que os jovens pobres moradores desses grandes e distantes conjuntos habitacionais recém-inaugurados podem transpor os limites do bairro, insistindo em

[...] exibirem-se dentro de uma estética global juvenil; ao destacarem-se através da presença marcante das turmas e dos atos de violência, ensejando

²³ Em pesquisa realizada em Araçatuba e Birigui (SP), com base em entrevistas de cidadãos residentes em diferentes áreas das duas cidades, Magrini (2013) recolheu depoimentos que identificam os empreendimentos do MCMV, recentemente ocupados, como áreas perigosas.

um modo de 're-territorialização' na ampliada 'ética do lazer' que predomina o lado 'oficial' da cidade. (DIÓGENES, 1998, p.38).

5. Considerações finais

Mudanças econômicas em escala global, que incidem sobre o mercado de trabalho em escala local, via encolhimento e desregulamentação, estimulam, além de insegurança, o acirramento das disputas, próprias da sociedade capitalista, assim como a incorporação da ideologia do empreendedorismo, assentado na valorização das iniciativas individuais e da competição. O acesso ao consumo para aqueles que vinham sendo dele excluídos historicamente, em escala nacional, via ampliação do acesso à renda e ao crédito, melhora as condições de vida de grande parcela da população brasileira, mas radicaliza os efeitos da centralidade assumida pelo consumo na vida cotidiana. Nas cidades brasileiras, a "sociedade do consumo" (BAUDRILLARD, 1995) é reproduzida, com todos os encobrimentos e distorções que implica, inclusive a supervalorização da aparência, do *parecer* ao invés do *ser*, e de outros atributos notadamente individuais, aos quais os jovens são particularmente suscetíveis.

Todos esses processos estão presentes em cada um dos espaços urbanos, com suas características gerais e particulares, produzindo socialmente cidadãos, que são também sujeitos que produzem espaços urbanos, cada um dentro das suas possibilidades, as quais também são socialmente produzidas. Todos esses processos estão presentes no Conjunto Habitacional Brasil Novo, produzindo jovens moradores, que são sujeitos particularmente importantes na produção daquele espaço urbano, assim como de Presidente Prudente, seja como estudantes, trabalhadores, atletas, membros de grupos de amigos, divertindo-se, indo a igreja..., seja como consumidores ou traficantes de drogas, territorializando vielas no "fim da linha" de ônibus, reproduzindo a violência urbana, cumprindo pena em instituições punitivas...

e acabando por engrossar as estatísticas nacionais de homicídios de jovens pobres, como demonstra a pesquisa coordenada por Waiselfisz (2013).

No Brasil Novo, a despeito da expansão do “mundo do crime” e das condições relativamente favoráveis que encontra em bairros periféricos, como é o seu caso, a legitimidade do trabalho mantém sua predominância, conforme revelam os discursos e as práticas socioespaciais dos seus moradores, em função das combinações particulares entre os processos globais e as características locais, tanto do bairro, como da cidade média na qual se insere. As reconfigurações decorrentes da emergência do crime, identificadas por Feltran (2012, p.156) em bairro pobre da capital paulista, no âmbito das quais teriam se alterado as perspectivas de olhar para o trabalho e o que é legítimo, não ocorreram. Mas e quanto aos novos conjuntos habitacionais do MCMV? Como adverte o próprio autor (FELTRAN, 2012, p.172), trata-se de uma tendência a qual não se deve atribuir cunho totalizante, ou seja, cabe aos pesquisadores ajudar a entender esses processos, sem perder de vista as possibilidades de sua reversão, sem perder de vista a necessidade de reversão também da fragmentação que está em curso, tanto da cidade, como dos conhecimentos sobre ela produzidos.

Referências

ADORNO, S.; CARDIA, N. Dilemas do controle democrático da violência: execuções sumárias e grupos de extermínio. In: SANTOS, J. V. T. dos (Org.). *Violência em tempo de globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 66-90.

_____; CARDIA, N. Violência, crime e insegurança: há saídas possíveis? In: FONSECA, R. B.; DAVANZO, A. M. Q.; NEGREIROS, R. M. C. (Orgs.). *Livro Verde: Desafios para a gestão da região metropolitana de Campinas*. Campinas: UNICAMP, 2002. p. 303-333.

ADORNO, S. Conferência proferida durante o Seminário “As interfaces da violência”. São Paulo, UNIFESP, 5 de agosto de 2005.

- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BILLARD, G.; CHEVALIER, J.; MADORÉ, F. *Ville fermée, ville surveillée*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2005.
- CALDEIRA, T. *Cidade de muros*. Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed.34-Edusp, 2000.
- CARDOSO, A, L.; ARAGÃO, T. A. Do fim do BNH ao Programa Minha Casa Minha Vida: 25 anos da política habitacional no Brasil. In: CARDOSO, Adauto Lúcio (org.). *O Programa Minha Casa Minha Vida e seus efeitos territoriais*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013, p. 17-65.
- CARRIÓN, F. Violencia urbana: un asunto de ciudad. *Eure*, Santiago do Chile, vol. XXXVI, n.103, p. 111–130, dez. 2008.
- DIÓGENES, G. *Cartografias da Cultura e da Violência*. Gangues, galeras e o movimento Hip Hop. São Paulo: Annablume, 1998.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- FELTRAN, G. de S. *Fronteiras de tensão*. Política e violência nas periferias de São Paulo. São Paulo: Ed. Unesp/CEM, 2012.
- FIX, M. e ARANTES, P. F. *Como o governo Lula pretende resolver o problema da habitação. Alguns comentários sobre o pacote habitacional Minha Casa Minha Vida*. Correio da Cidadania. 2009. Disponível em: <http://correiodacidadania.com.br>. Acessado em: 20/01/2014.
- HIRATA, F. *"Minha Casa Minha Vida": Política habitacional e de geração de emprego ou aprofundamento da segregação urbana?* Marília: Aurora. Ano III, número 4, julho de 2009. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/aurora>, acessado em 10/12/2013.
- KESSLER, G. *El sentimiento de inseguridad*. sociología del temor al delito. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.

- MACHADO DA SILVA, L. A. Violência urbana, segurança pública e favelas: o caso do Rio de Janeiro atual. *Caderno CRH*, v.23, n. 9, p.283-300, Salvador, Mai/Ago 2010.
- MAGRINI, M. A. *Vidas em enclaves. Imaginário das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos*. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT/UNESP, Presidente Prudente, 2013.
- NOGUEIRA, A. C. *Representações sociais do bairro Brasil Novo em Presidente Prudente-SP*. 2008. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.
- PRÉVÔT-SCHAPIRA, M.; PINEDA, R. C. Buenos Aires: la fragmentación en los interstícios de una sociedad polarizada. *Eure*, vol. XXXIV, n.103, p. 73–92, dez. 2008.
- RECASENS, A. *La seguridad y sus políticas*. Barcelona: Atelier, 2007.
- REGUILLO, R. Ciudades y violências. Un mapa contra los diagnósticos fatales. In: REGUILLO, R.; ANATIVA, M. G. (editores). *Ciudades translocales*. espacios, flujo, representación. Perspectivas desde lãs Américas. México: Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente (ITESO), 2005. p. 393–415.
- RONDELLI, E. Imagens da violencia e práticas discursivas. In: PEREIRA, C. A. M.; RONDELLI, E.; SCHOLLHAMMER, K. E. e HERSCHMANN, M. *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 144- 162.
- ROSA, T. T. Favelas, Periferias: uma reflexão sobre conceitos e dicotomías. *Anais do 33º Encontro Anual da ANPOCS*, setembro/2009.
- SARAVI, G. A. Mundos aislados: segregación urbana y desigualdad en La ciudad de México. *Eure*, Santiago do Chile, vol. XXXIV, n.103, p. 93–110, dez. 2008.
- SENNETT, R. *O declínio do homem público*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1998.
- SHIMBO, L. Z. *Habitação social, habitação de mercado: a confluência entre estado, empresas construtoras e capital financeiro*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Escola de Engenharia de São Carlos - Universidade de São Paulo/USP, São Carlos, 2010.

SILVA, R. B. Segregação e/ou integração: *O programa de desfavelamento e loteamentos urbanizados em Presidente Prudente*. 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

SOUZA, M. L. *Fobópole*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

WACQUANT, L. *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

WAISELFISZ, J. J. *Homicídios e juventude no Brasil*. Mapa da violência, 2013. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República, 2013. Disponível em: mapadaviolencia.org.br/mapa2013_jovens.php, acessado em 10/11/2014.

Autora

Eda Góes

Doutora em História pela UNESP.

Professora da Faculdade de Ciência e Tecnologia – UNESP.

Email: edagoes@fct.unesp.br

Recebido em 19 de novembro de 2014

Aprovado em 25 de novembro de 2014